Dia 14 — São Basílio, Bispo e Doutor da Igreja

São Basílio, aquele portentoso varão que mereceu o epíteto de Grande, tão eminente em erudição e em sabedoria como adornado de todas as virtudes, nasceu em Cesareia da Capadócia pelo ano de 328. Foi filho de São Basílio e de Santa Emília, neto de Santa Macrina, irmão de São Gregório de Nissa, de São Pedro, bispo de Sebaste, e de Santa Macrina, a Moça, a cuja grande santidade confessava o mesmo São Basílio dever, tanto ele como seus irmãos, a resolução de abandonar tudo e retirar-se do mundo.

Tendo nascido de pais tão virtuosos e no seio de uma família tão santa, facilmente se deixa discorrer o cuidado com que o criariam. Logo que soube falar deu claras mostras de sua nobre índole e de seu aprazível natural; suas perguntas, suas respostas e suas prontidões deram logo a conhecer a penetração e a vivacidade daquele prodigioso engenho. Quis encarregar-se de sua primeira educação sua avó Santa Macrina, e depois gloriava-se nosso santo de que lhe tivesse ensinado os primeiros princípios da religião aquela que os havia imediatamente recebido na primeira fonte de São Gregório Taumaturgo. Vendo seu pai os grandes talentos que descobria seu filho para adiantar nas ciências, aplicou-o sem perder tempo aos estudos, nos quais fez Basílio tão rápidos progressos que, tendo aprendido quanto havia que aprender nas letras humanas, aos quinze anos o enviou à capital do império para que se dedicasse às faculdades maiores. Conhecido desde logo por seu ilustre nascimento, foi-o não menos muito em breve pelo brilho, pela extensão e pela superioridade de seu engenho, igualmente que pela irrepreensível inocência de seus costumes, tanto mais sobressalentes quanto a licenciosa desordem que reinava na cidade era incentivo do vício e escolho da virtude.

Não tendo já que adiantar em Constantinopla, determinou passar a Atenas, empório então das ciências, da eloquência e das floridas letras de toda a Grécia, onde encontrou Gregório de Nazianzo, que pelo mesmo fim havia vindo de Alexandria. Eram os dois, com pequena diferença, de uma mesma idade, de igual engenho e de costumes muito parecidos; circunstâncias todas que estreitaram desde então aquela fina amizade que os uniu indissoluvelmente até o último alento. Assinalou-se muito desde logo Basílio entre toda aquela república de sábios por sua eloquência e por sua profunda erudição; e, como sua aplicação era tão grande, em breve tempo foi geralmente reconhecido por um dos homens mais sábios de seu século. Estava muito versado na história; era eminente na poesia; falava todas as línguas sábias e possuía com perfeição todas as ciências. Singularmente sua filosofia e sua dialética eram a admiração de toda a universidade; dedicou-se também à geometria, à astronomia e à medicina; mas no que mais sobressaiu foi na arte de falar, de mover e de persuadir. Não era sua eloquência aquela verbosidade asiática, cheia de palavras redundantes e de pensamentos supérfluos, mas uma eloquência varonil, nervosa, elevada, majestosa e cheia de um fogoso ardor. Nem por dedicar-se ao estudo das ciências profanas

abandonou o das divinas letras; antes estas eram todas as suas delícias, como quem se havia aplicado a elas, digamo-lo assim, desde o berço.

Enquanto o engenho e a sabedoria de Basílio davam matéria à admiração e aos aplausos de Atenas, concorreu a estudar na mesma universidade Juliano, primo-irmão do imperador Constâncio, tão conhecido depois pelo renome de Apóstata. Movido da grande reputação de Basílio e de Gregório, solicitou sua amizade; mas em sua mesma fisionomia descobriram os dois santos não sei que sinais que, trazendo ao semblante as inclinações da alma, lhes deram a conhecer o monstro que abrigava o seio do império naquele jovem; como o manifestou depois quando arrancou tantos gemidos ao coração da Igreja.

Acabados seus estudos em Atenas, restituiu-se Basílio a Cesareia, aproximando-se já dos vinte e sete anos de sua idade. Exerceu desde logo a advocacia, defendendo alguns pleitos com tão universal aplauso que andava já deliberando se fixaria sua profissão neste glorioso exercício, consagrando seus estudos à defesa da justiça, quando o céu se valeu de sua irmã mais velha, Santa Macrina, para retirá-lo das vaidades do mundo. Achava-se esta santa donzela em companhia de sua mãe, Santa Emília, depois de haver feito a Deus o sacrifício de sua virgindade; e, vendo que seu irmão se deixava levar com algum excesso dos aplausos que lhe granjeavam sua reputação e seus talentos, falou-lhe um dia com tanta eficácia e com tanta moção sobre o falso brilho dos aparentes bens desta vida que desde aquele ponto tomou a generosa resolução de voltar-lhes as costas e de anelar unicamente pelos imutáveis e verdadeiros da eterna.

«Vejo-te, irmão meu (disse-lhe a iluminada donzela), coberto de honra, de estima e de glória. A elevação de teu engenho, a majestade de tua eloquência, essa profunda sabedoria que te adorna são o assombro do público e embelezam teu coração com as mais lisonjeiras esperanças. Mas será possível que, sabendo tu tudo quanto há que saber, não ponhas a consideração no que há de parar todo esse fumo? Será possível que essa despejadíssima capacidade não advirta que tudo é aparência quanto ostenta essa enganoso brilho e que não aspires a glória mais consistente, a mais sólidas honras? Crê-me: não tem o mundo todo coisa digna de tua generosa ambição. Tua saúde é débil; põe os olhos numa fortuna que não dependa das felicidades nem dos caprichos desta vida; eu não vejo outra coisa que seja digna de teu nascimento, de teu espírito e desse grande coração que a santidade e a virtude.»

Convencido Basílio com as razões de sua santa irmã, mas muito mais movido pelo interior impulso da divina graça, não lhe deu outra resposta que a que lhe saiu aos olhos num sossegado pranto: «Então (diz o santo numa de suas epístolas) despertei como de um profundo sono, comecei a descobrir sem nuvens a luz do Evangelho e conheci pela primeira vez a vaidade e a inanidade da humana sabedoria.» Resolveu, pois, não dedicar-se ao exercício de outra ciência que a dos santos e partiu em busca de modelos e de mestres ao Egito, à Palestina e a outras partes. Encontrou muitos naqueles vastos desertos e aprendeu tantas lições quantos grandes exemplos notou nos anacoretas que os povoavam. Teve com eles muitas conversações e conferências espirituais, às quais somos devedores daquele admirável tratado que se intitula: a *Moral* de São Basílio.

Quando voltou a Cesareia, ordenou-o logo de leitor o bispo Diano, temendo que outra igreja se adiantasse a apropriar-se dele; mas, não perdendo por isso sua inclinação à solidão, juntou-se com

certos solitários, cuja vida parecia aproximar-se muito à que faziam os monges do Egito e do Oriente. «Eram uns homens (diz o mesmo santo na epístola 97) de um exterior modesto, humilde e mortificado; seu hábito rústico e grosseiro, com uma vida na aparência austera, me fizeram crer que adiantaria muito meu espírito em seu trato e companhia.» Não faltaram alguns que lhe advertiram como aqueles homens estavam notados e eram suspeitos de arianismo; mas, vendo as belas exterioridades de sua afetada virtude, creu que aqueles ditos eram efeitos da maledicência e da inveja; até que, havendo-os tratado mais de perto, reconheceu com efeito que eram lobos carniceiros cobertos com pele de mansas ovelhas: desde aquele ponto declarou-se inimigo mortal do arianismo, cujos partidários não tiveram contrário mais formidável.

Impelido sempre de seu amor à solidão, retirou-se a um deserto da província do Ponto, onde ele só praticou todas as grandes virtudes que havia observado nos anacoretas do Egito e da Palestina. Trazia sempre imediato às carnes um áspero cilício que cobria cuidadosamente com um hábito grosseiro para não fazer ostentação da penitência; sendo seus jejuns tão contínuos e tão rigorosos que, estragada de todo sua saúde, naturalmente delicada, parecia um esqueleto animado; e não seria temeridade dizer que sem milagre não parecia possível que se conservasse sua vida os trinta anos que viveu depois.

Fizeram-se famosos os desertos do Ponto com o retiro de Basílio, concorrendo de todas as partes grande número de pessoas para entregar-se a seu governo. Deu-lhes umas regras em que se continha a mais elevada perfeição; e foram, por assim dizer, como a fonte universal onde beberam as suas os santos fundadores das sagradas famílias. Fizeram quanto puderam os vizinhos de Neocesareia para levar o santo àquela cidade; mas não foi possível vencê-lo a que abandonasse seu retiro até que o obrigou a isso o zelo e a caridade. Estes dois motivos o arrancaram dele, pondo-o em precisão de partir a Cesareia para fazer presente ao bispo quanto havia escandalizado a Igreja assinando o famoso formulário de Rimini. Conheceu o prelado que o haviam enganado e reparou o escândalo com sua pública retratação.

Morto o bispo de Cesareia, sucedeu-lhe Eusébio naquela sé e, conhecendo bem o extraordinário mérito de nosso santo, sem dar ouvidos a sua humildade nem a sua resistência, ordenou-o presbítero e logo lhe mandou que pregasse em sua igreja. Embora Basílio se achasse obrigado a deixar sua amada solidão, nem por isso perdeu a inclinação ao retiro, vivendo no meio de Cesareia como poderia no Ponto, enquanto o permitiam as funções de seu sagrado ministério; ainda que não com tanta tranquilidade como no deserto, por certa indecente emulação que desconcertou seu sossego. Entrou em ciúmes o bispo à vista da universal estima e da geral confiança que mereceu a todos Basílio e deu-lhe não pouco em que merecer. Tratava-o com tanto desabrimento e até com tanta indignidade que faltou pouco para que todos os bons se amotinassem contra o prelado; e se teria introduzido um cisma na igreja de Cesareia se não o tivesse prevenido a prudência de nosso santo, que secretamente fugiu da cidade e se retirou a seu deserto do Ponto. Seguiu-o a ele seu amigo Gregório de Nazianzo; mas, como a igreja de Cesareia não podia viver sem Basílio, o mesmo bispo Eusébio empenhou São Gregório para que restituísse a ela seu amigo; o que não se fez muito de rogar, especialmente quando chegou a entender que os arianos triunfavam com sua ausência, prometendo-se lançar por terra a fé em Cesareia. Noticioso de sua volta o imperador Valente, cego fautor do arianismo, fez quanto pôde para ganhar a nosso santo em favor de seu partido; mas desprezou suas promessas e zombou de suas ameaças, servindo umas e outras para acender mais

seu zelo e ter mais alerta sua vigilância em defesa da religião.

Morreu neste tempo o bispo de Cesareia; logo começaram os arianos a pôr em movimento quantas máquinas e artifícios puderam discorrer para que recaísse a futura eleição em sujeito de seu partido, cundindo o espírito de divisão até nos mesmos católicos; mas pôde mais o mérito que a maquinação e saiu eleito Basílio. Em vão resistiu, escapou e empenhou-se em ocultar-se; foi-lhe preciso, enfim, render-se a tão visível disposição da divina Providência e foi consagrado no dia 14 de junho de 370. Triunfou a religião católica logo que Basílio ocupou o trono episcopal. Com seu agrado, com sua humildade, com sua virtude e com seu mérito fez-se dono dos ânimos que havia alienado o artifício dos descontentes. Começou a pregar ao povo e, acompanhada sempre a eficácia de suas palavras com a maior energia de seus exemplos, fez tanta impressão nos corações que em pouquíssimos dias já não se conhecia a si mesma a cidade de Cesareia. Sua vigilância pastoral não lhe permitia ignorar as necessidades de suas ovelhas e em sua imensa caridade encontrava sempre fundos para remediá-las; de sorte que somente os pobres sabiam em rigor até onde alcançavam suas rendas.

Viu-se reviver em Cesareia o espírito e o fervor da primitiva Igreja, passando os fiéis nela muitas vezes desde meia-noite até o meio-dia seguinte; «e que consolo é para mim (escreve o santo a um amigo seu) vê-los comungar a todos na quarta-feira, na sexta, no sábado e no domingo de cada semana!» Reformou os costumes em todo o bispado com suas frequentes visitas; restituiu a disciplina eclesiástica a seu primeiro vigor e a vida dos monges a seu primitivo espírito, dirigindo grande número de pessoas no caminho da perfeição, tanto por cartas como de viva voz, e manifestando em tudo seu ardente zelo pela salvação das almas.

Sendo muito estreitos os limites de sua diocese e até de toda a província para conter sua caridade, rompeu aquelas cingidas margens e dilatou-se a toda a Igreja universal. Ligado intimamente com Santo Atanásio, com São Melécio, com todos os bispos santos do Oriente, mas singularmente com a sé apostólica de Roma, declarou guerra mortal ao arianismo; fez quanto pôde por reduzir os macedonianos; foi açoite cruel de quantos inimigos conspiraram contra a divindade e contra a humanidade de Jesus Cristo, sendo geralmente reconhecido por um dos mais ardentes e mais generosos defensores da religião católica que ilustraram a Igreja e venera a memória daquele século.

Perseguiu-a com furor o imperador Valente, tendo abraçado sem dissimulo o arianismo; e não se esqueceu de Basílio em sua cruel perseguição. Descobriu nosso santo a hipocrisia e os erros de Eustáquio, bispo de Sebaste; e, animado este da vingança que lhe inspirava sua mesma confusão, determinou perdê-lo, enconando contra Basílio o ânimo do imperador; façanha que lhe custou pouco esforço. Irritado o príncipe furiosamente contra ele, partiu a Cesareia e, quando estava já muito perto dela, despachou um oficial chamado Modesto com ordem de intimar de sua parte ao bispo que ou comungasse com os arianos ou saísse desterrado da cidade. Entrou nela Modesto com muito estrépito; fez chamar São Basílio; e, sem respeitar sua dignidade nem sua pessoa, perguntou-lhe logo com grosseira altivez: «Dize-me, pobre homem, em que pensas quando não queres obedecer ao imperador, a quem se rende todo o mundo?» «Penso...», ia responder-lhe nosso santo com sua natural gravidade, serenidade e compostura; mas, interrompendo-o Modesto, acrescentou logo: «Pensarás em que não és da religião do imperador. E bem, que motivo terás

para não o ser?» «Porque Deus mo proíbe», respondeu Basílio. «Pois por que espécie de homens nos tens a nós?», replicou o oficial. «Por uns homens ilustres segundo o mundo, dignos de nosso respeito; mas que, enfim, não sois a regra do que devemos crer», respondeu o bispo. Irritado Modesto à vista de tão generosa constância, disse-lhe enfurecido: «Ao menos já temerás experimentar os efeitos de meu poder.» «Que efeitos?», respondeu Basílio. «O confisco, o desterro, os tormentos e até a própria morte», respondeu o oficial. «Nada disso fala comigo, repôs o bispo: o que nada tem não teme o confisco; salvo que necessites destes trapos velhos e alguns poucos livros; a isto se reduzem todos os meus bens. Desterro não o conheço, porque para mim todo o mundo o é, não reconhecendo outra pátria que a celestial; os tormentos pouco dano podem fazer a quem apenas tem corpo para padecê-los; ao primeiro golpe se acabarão todos para mim: a morte não a temo como castigo; antes a desejo como graça, pois me levará quanto antes a meu Deus, para quem unicamente vivo.» Assombrado Modesto daquela tenacidade, disse ao santo: «Até agora nenhum homem teve valor para falar-me desta maneira.» «Será sem dúvida, respondeu Basílio, porque até agora não terás tratado com algum bispo, que estes em semelhantes ocasiões não se explicam de outro modo.» «Ao menos, replicou o oficial em tom mais moderado, já estimarás em algo ter em tua cidade o imperador; e em conclusão tudo se reduz a tirar do símbolo a palavra consubstancial.» «Eu estimaria muito, repôs o santo, ver o imperador reconciliado com a Igreja e isento de todo erro na fé; e, no que toca ao símbolo, não só não sofrerei que se tire nem acrescente uma só palavra, mas nem tolerarei que se altere a material colocação das vozes.» «Enfim, concluiu Modesto, vai-te com Deus, e dou-te toda esta noite para que o penses bem.» «Amanhã serei o mesmo que hoje», respondeu Basílio. Despediu-o o oficial com bastante urbanidade; e, partindo em diligência a encontrar-se com o imperador, disse-lhe que não havia que esperar coisa alguma do bispo de Cesareia.

Não pôde Valente dissimular a grande estima que fazia daquela heroica virtude. Quis concorrer à igreja no dia da Epifania; deixou-se ver nela rodeado de seus guardas; ficou admirado quando viu o concurso do inumerável povo, mas muito mais quando notou a ordem, a modéstia e a majestade com que se celebravam os divinos ofícios, aos quais assistiu e ouviu o sermão que pregou nosso santo. Parecia Basílio no altar um homem inteiramente divino, e os muitos ministros que o assistiam mais se lhe representavam anjos que homens. Encheu-o de tanto assombro aquele augusto teatro que quase lhe deu um desmaio e não se atreveu a aproximar-se do altar para levar ele mesmo sua oferenda, e mais quando observou que ninguém se apresentava para recebê-la, temendo seguro o desaire de que não lha admitissem. Mas, longe de ofendê-lo aquela tenacidade invencível de Basílio, estimou-o mais desde então e quis ter algumas conversações com ele. Achou-se presente a tudo São Gregório de Nazianzo, o qual assegura que falou Basílio com tanta elevação sobre as matérias da fé que todos os assistentes ficaram como extáticos e todos foram testemunhas da admiração do príncipe, que tributou grandes honras ao santo, deu-lhe muitas e muito ricas posses para sustentar os pobres leprosos e cessou de perseguir os católicos; ainda que duraram pouco estas tréguas da perseguição, porque os arianos, que perpetuamente tinham cercado o imperador, lhe fizeram aprender que se interessava a honra de sua soberania em obrigar Basílio a entrar em sua comunhão, tomando por pretexto para desterrá-lo sua constante e valorosa resistência. Expedido o decreto de desterro, estava tudo disposto para a execução, entrada já a noite, para que o povo não o chegasse a entender, preparado o carro e pronto Basílio para partir, quando de repente se achou assaltado de uma ardente e maligna febre, que o pôs às portas da morte, o filho do imperador, chamado Galates, menino de poucos anos, e a imperatriz sua mãe

atormentada de vivíssimas dores. Entenderam todos que aquele acidente era justo castigo da violência e da injustiça com que se tratava São Basílio, e mais quando, esgotada toda a habilidade dos médicos, se reconheceu que não havia remédio humano para a vida do príncipe. Recorreram então às orações do santo, que já estava para meter-se no coche e sair a seu desterro, quando recebeu um recado muito respeitoso de Valente, rogando-lhe que passasse a ver seu filho. Partiu direito ao palácio e, logo que entrou nele, sentiu-se o príncipe muito aliviado; mas Basílio protestou que não pediria a Deus por sua vida senão com a precisa condição de que se lhe havia de permitir instruir o príncipe na religião católica; o que aceitou o imperador, como o testifica Santo Efrém. Então fez oração São Basílio e logo ficou o menino inteiramente são; mas, esquecido depois Valente do que havia prometido e enganado dos arianos, deixou que o batizasse um bispo desta seita e, recaindo o príncipe em sua enfermidade, morreu dentro de poucos dias. Nem por isso abriu os olhos o imperador para reconhecer a origem de sua desgraça, porque lhos tinham vendado os arianos e, a persuasão deles, segunda vez resolveu desterrar São Basílio. Tomou uma pena para assinar o decreto e se lhe fez em pedaços entre os dedos. Pegou outra segunda e, negando-lhe a tinta, jamais pôde formar uma letra com ela; lançou mão da terceira e, rompendo-se logo em muitos pedaços, começou-lhe a tremer a mão, enchendo-se de pavor. Fez em pedaços o papel, revogou a ordem e deixou em paz a Basílio.

Foi testemunha de tantos prodígios Modesto, prefeito do pretório, e, assombrado deles, converteu-se à fé, sendo daí em diante um dos mais firmes e mais zelosos católicos. Não foi tão ditoso Eusébio, vigário do mesmo prefeito. Mandou tirar da igreja uma viúva que nela se havia refugiado; e, opondo-se a isto São Basílio, fê-lo comparecer em seu tribunal. Quando o viu nele, mandou que lhe tirassem a capa; alcançou-lha logo o santo, acrescentando que estava pronto a despojar-se também da túnica. Ofendeu-se o vigário desta nobre intrepidez, tendo-a por insulto, e ameaçou-o com que o faria castigar; desnudou Basílio parte do esqueleto de seus ossos, cobertos da enrugada pele, dizendo-lhe que estava aparelhado para receber os golpes. Cegou-se Eusébio de cólera e, arrebatado dela, ia precipitar-se nos maiores excessos, quando lhe deram notícia de que, sabedor o povo do tratamento que fazia a seu santo bispo, se havia alvoroçado e tinha sitiado o palácio do mesmo prefeito, resolvido a tomar vingança. Cheio de pavor Eusébio, arrojou-se aos pés de Basílio, pedindo-lhe perdão com a maior humildade e rogando-lhe aprestadamente que o tirasse daquele perigo. Compadeceu-se o santo, sossegou o tumulto e salvou ao prefeito a vida.

Deixando-o já em paz o imperador e seus ministros, consagrou ao Senhor esta quietude e o curto resto de suas débeis forças corporais. No meio das mais laboriosas ocupações nunca perdeu de vista o estado religioso. Manteve sempre alguns monges perto de sua pessoa, governando-os e educando-os na vida monástica. Também havia em Cesareia um mosteiro de monjas, que governava uma sobrinha do mesmo São Basílio, cuja igreja estava dedicada aos quarenta mártires, venerando-se nela suas relíquias; e assim esta religiosa como outras que estavam a seu cargo são as que em seus escritos chama *canônicas*; isto é, donzelas ou virgens consagradas a Deus que vivem debaixo de alguma regra. Nas que compôs o santo para pessoas religiosas acham-se muitas que falam diretamente com mulheres, e as penitências particulares que se impõem nelas quase todas são pelas faltas que se cometem no demasiado falar.

Em tudo estava sua vigilância pastoral. Erigiu em Sásima um bispado, para o qual nomeou São Gregório de Nazianzo; executando o mesmo em outras cidades de sua província, às quais proveu

de santos e vigilantes pastores. Restituiu a seu antigo vigor a disciplina eclesiástica secular e regular, dando regras para seu governo a todos os estados. Como acérrimo defensor da fé católica perseguiu valorosamente a heresia, atacando-a até em seus últimos entrincheiramentos. Chegou a não ter em seu corpo outra coisa sã senão a mão e a cabeça; mas nem por isso foi menos útil à Igreja. Foram tantas as doutas e admiráveis cartas que escreveu que, quando não tivéssemos mais obras suas, deveríamos admirar-nos de que achasse tempo para escrever tanto um homem de tão pouca saúde, quebrantada com tantas e tão espantosas penitências e ocupado em tantos, tão graves e tão diferentes negócios. As que escreveu a Santo Anfilóquio contêm todos os princípios da doutrina cristã, e com muita razão se diz que só nos escritos de São Basílio temos uma completa livraria. Além do compêndio ou suma da *Moral*, de que já temos falado, deixou-nos um tratado do Espírito Santo, a obra dos seis dias (*Hexamerão*), o tratado sobre alguns salmos, outro sobre Isaías, cinco livros contra a heresia de Eunômio, dois sobre o batismo, um da virgindade e diferentes homilias sobre assuntos escolhidos; admirando-se em todos a claridade de sua pena, o nervo de suas razões e o vigor de sua eloquência; sendo muito poucas as obras dos doutores e até dos santos padres da Igreja que sejam mais instrutivas e façam tanta impressão.

Aproximava-se o fim da vida de nosso santo quando Santo Efrém, diácono de Edessa, na Mesopotâmia, movido de sua grande reputação, veio expressamente por conhecê-lo, por tratá-lo e por ouvi-lo. Ao primeiro sermão que lhe ouviu, começou a desfazer-se em louvores de São Basílio diante de todo o povo. Perguntou-lhe o santo a razão e respondeu: «Porque enquanto tu estavas pregando, estava eu vendo sobre teus ombros uma pomba de maravilhosa brancura que te estava sugerindo tudo o que dizias.» Poucos dias depois desta visita quis o Senhor premiar os trabalhos de seu servo, cuja solicitude pastoral o acompanhou até o último suspiro, pois pouco antes de expirar impôs as mãos sobre muitos de seus discípulos para prover de ministros dignos todas as igrejas que tinham falta deles. Enfim, cheio de merecimentos, entregou sua alma a seu Criador no primeiro dia do ano de 379, sendo de somente 51 de idade, chorado não só dos bons, mas até dos judeus e até dos próprios pagãos. Toda a sua província o chorou como a seu pai, e em toda a Igreja foi venerado por modelo de bispos católicos e por doutor da verdade. Desde o mesmo dia em que morreu começou a solenizar-se sua festa, de maneira que as honras foram triunfos e foram gerais. Pronunciaram seu panegírico seu irmão São Gregório de Nissa, Santo Anfilóquio, Santo Efrém e São Gregório de Nazianzo. Deu-se a seu corpo sepultura na igreja catedral, ansiando todos por lograr alguma relíquia sua. As famílias religiosas podem justamente considerá-lo como seu primeiro patriarca, e a Igreja universal o honra como um de seus mais ilustres doutores.

São Metódio, Patriarca de Constantinopla

São Metódio, descendente de uma das mais ilustres famílias da Sicília, foi educado nas ciências sagradas e profanas, nas quais saiu muito aventajado. Tendo deixado o mundo, foi à ilha de Quio, onde edificou um mosteiro. Mas, tendo sido chamado depois a Constantinopla, inscreveu-o em sua igreja o santo patriarca Nicéforo. Acompanhou seu bispo nos desterros a que em razão de seu zelo

pelas santas imagens foi condenado pelo imperador Leão, o Armênio. Em 817 enviou-o a Roma São Nicéforo na qualidade de apocrisiário ou de núncio, onde com efeito prestou nosso santo os mais brilhantes serviços.

Tendo Deus chamado para si o bendito patriarca, Metódio voltou a Constantinopla. Logo provou naquela cidade os efeitos do furor dos iconoclastas. O sucessor de Leão, Miguel, o Gago, inficionado dos mesmos erros, mandou pô-lo no cárcere e deixá-lo apodrecer nele durante todo o seu reinado. Contudo, em 830 recobrou a liberdade pelos esforços da imperatriz Teodora. Mas pouco tempo gozou do descanso que ela lhe acarretou, pois voltaram a persegui-lo os hereges e o imperador Teófilo enviou-o desterrado.

Morto este príncipe em 842, mudaram de semblante as coisas da Igreja. Teodora tomou as rédeas do governo como rainha regente durante a menoridade de seu filho Miguel III; e o primeiro uso que fez de sua autoridade foi deter os estragos da heresia. Colocou Metódio na cadeira patriarcal de Constantinopla, depois de haver lançado dela o intruso que a usurpara. Fez o santo reviver a piedade a par da santa doutrina; e, para dar graças a Deus do restabelecimento da fé, instituiu uma festa que chamou *Ortodoxia*. Morreu no quarto ano de seu episcopado, por volta de 846. No tempo de seu sucessor São Inácio começou a celebrar-se sua festa, a qual continua celebrando-se tanto entre os gregos como entre os latinos.

Temos ainda hoje alguns escritos de São Metódio; a saber: cânones penitenciais, alguns sermões e um panegírico de São Dionísio, o Areopagita. Pensam alguns autores que, na composição de sua última obra, valeu-se dos escritos de Hilduíno, que pôde sem dúvida ver em Roma.

Os bolandistas trazem uma vida muito extensa de nosso santo.

Martirológio Romano

Em Cesareia da Capadócia, a ordenação de São Basílio, bispo, que, cheio de ciência, dotado de profunda sabedoria, adornado de todas as virtudes, brilhou maravilhosamente no tempo do imperador Valente e defendeu a Igreja com admirável constância contra os arianos e os macedonianos.

Em Samaria, na Palestina, Santo Eliseu, profeta, cujo sepulcro fazia tremer os demônios, segundo refere São Jerônimo. Também descansa ali mesmo o profeta Abdias.

Em Siracusa, São Marciano, bispo, o qual, depois de consagrado bispo por São Pedro, foi morto pelos judeus em ódio do Evangelho que pregara.

Na diocese de Soissons, os santos mártires Valério e Rufino, os quais, havendo padecido muitos tormentos na perseguição de Diocleciano, foram condenados pelo presidente Rictiovaro a ser decapitados.

Em Córdoba, os santos mártires Anastácio, presbítero, Félix, monge, e Digna, virgem.

Em Constantinopla, São Metódio, bispo.

Em Viena, Santo Éter, bispo.

Em Rodez, São Quinciano, bispo.

Em Bourges, São Simplício, bispo, encomiado numa carta de Sidônio Apolinário a São Perpétuo de Tours.

Em Paris, o falecimento de São Euspício, presbítero, fundador da abadia de São Mesmin, perto de Orleans.

Em Antigny, no Gartempe, em Poitou, São Civrão, confessor.

No mesmo dia, São Lifário, venerado como bispo em Moissac, em Quercy, onde o chamam São Naufray.

Em Laodiceia, na Frígia, Santo Anteão, mártir.

Na Apúlia, São Marcos, bispo de Lucera, cujo corpo é venerado em Bovino.

Em Nápoles, São Fortunato, bispo.

Na África, São Quintiniano, mártir.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Basilii confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que ouçais as orações que vos oferecemos na solene festa de vosso servo e confessor São Basílio, livrando-nos de nossos pecados pela intercessão e pelos méritos do que vos serviu com tanta fidelidade. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, capítulo 4.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«Bem se sabe que São Timóteo era discípulo querido de São Paulo e o fiel companheiro de suas viagens; como o Apóstolo o havia estabelecido bispo em Éfeso, escreveu-lhe duas excelentes epístolas cheias de admiráveis instruções para os bispos, singularmente esta última, na qual lhe adverte que jamais deixe cair no esquecimento o que havia aprendido de seu mestre.»

Reflexões

«Tempo virá em que os homens não poderão sofrer a doutrina sã e, movidos de curiosidade, buscarão mestres sobre mestres que os falem ao gosto de seu paladar, negando os ouvidos à

verdade e concedendo-os às fábulas.» Pergunto: não é este um verdadeiro retrato dos costumes deste desgraçado século? Em qual outro se viu os cristãos menos inclinados a sofrer que se lhes ensine a doutrina sã e verdadeira? As mais essenciais, as mais terríveis verdades da religião, ou se tentam debilitar com vãs sutilezas ou se lhes nega a entrada como a inimigas da tranquilidade e do repouso. Uns não as querem ouvir porque os espantam, e outros não as querem considerar porque os turbam; mas serão menos irrefragáveis porque as desatenda nosso esquecimento ou porque as desestime nossa malícia? Serão menos verdadeiras porque nossa inconsideração não as reflita? Não podem sofrer os mundanos as verdades de nossa religião; elas amargam muito às mulheres profanas que vivem segundo o século. Deus meu, que lenitivos, que temperamentos não se buscam para pregá-las aos grandes da terra! A doutrina de Jesus Cristo estremece; as máximas do Evangelho chocam; e quantos cristãos indignos se envergonham delas! A quantos ministros do Senhor lhes falta o zelo, o valor e a fidelidade! Não sofrem os homens a sã doutrina; mas na religião não há mais que uma fonte de água pura; todas as demais estão envenenadas. Ou doutrina sã, ou moral ímpia; não há meio. Necessariamente se descaminha, infalivelmente se precipita nos erros o que fecha os olhos às luzes da fé.

Jamais houve tanta curiosidade como neste século; mas que curiosidade? Não já uma curiosidade respeitosa, dócil, inocente, mas uma curiosidade fera, arrogante, orgulhosa, temerária; indício de um coração corrompido, de um entendimento limitado e de uma presunção sem limites. Já não é este o vício só das mulheres; é, por assim dizer, o da grande moda; é a paixão dominante do oficial, do mercador, do cidadão; numa palavra, de todos os ignorantes, de todos os presunçosos e de todos os orgulhosos que há na cristandade. Sujeitar o entendimento à obediência e à lei de Jesus Cristo, isso era bom para a ignorância de nossos avós; hoje é mister que a lei de Jesus Cristo se sujeite ao tribunal e se examine à luz do mais curto entendimento. Não se há de render a razão à fé; a fé se há de render à razão: à vista disto não há que admirar-nos de tantos descaminhos. «Todo aquele que obra mal aborrece a luz, diz o Salvador do mundo, e foge dela para que não se descubram as más obras que faz.» Aborrece-se a verdade porque se aborrece a virtude. É a virtude uma luz que incomoda muito aos olhos achacosos; desgosta a claridade porque representa a cada um como é; fecham-se os ouvidos à verdade porque abate o orgulho, faz oposição às paixões e oprime furiosamente o amor-próprio. Ouvem-se as fábulas de boa vontade porque o espírito do mundo e nosso próprio espírito está muito inclinado e é muito fecundo em ilusões. Porventura hoje nos alimentamos de outra coisa? Serve o Evangelho de regra aos costumes daqueles que se governam pelo espírito do mundo? Mas fazemos caso de outra regra? Qualquer outra doutrina é erro, é ilusão, é fábula, é delírio. Ah, Senhor, e quantos morrem assim!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas, e o mesmo que o dia 5.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** [26] Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. [27] Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. [28] Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, [29] ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, [30] dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? [31] Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? [32] Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. [33] Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: [26] Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. [27] E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. [28] Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, [29] para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, [30] dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? [31] Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? [32] D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. [33] Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Dos poucos discípulos que tem Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera que não basta ser cristãos para ser verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. O batismo nos constitui membros de seu místico corpo, nos faz parte de seu povo; mas somente somos discípulos seus vestindo sua libré, observando suas máximas e seguindo seus exemplos. Apenas há verdade de nossa religião mais inculcada que esta; repete-a o Salvador quase a cada página do Evangelho. Mas que condições nos pede para admitir-nos em seu serviço? Não há coisa mais expressa nem mais especificada: «O que quer vir após mim, e não aborrece a seu pai, a sua mãe, a seus irmãos (ainda isto é pouco), e não se aborrece a si mesmo, não pode ser meu discípulo.» Mas bastará para sê-lo crer em Jesus Cristo e segui-lo? De nenhum modo. Muitas turbas criam nele e o seguiam; mas

voltavam a suas casas, com cuja ocasião disse a sentença que acabamos de referir; acrescentando depois que, além de renunciar tudo aquilo que mais se ama e fora de negar-se a si mesmo, se alguém não leva também sua cruz, *non potest meus esse discipulus:* não pode contar-se no número de seus discípulos. Em outra parte diz: «O que não leva sua cruz e me segue não é digno de mim.» Facilmente se compreende o que significam estas condições: aborrecer seus parentes, renunciar o que mais se ama, negar-se a si mesmo, levar a cruz e seguir a Jesus Cristo. Não é mister grande engenho para penetrar o sentido destes oráculos; mas tampouco se necessita um engenho peregrino para inferir deles que o número dos discípulos de Cristo deve ser muito limitado. Vai repassando com a consideração todas as idades, todas as condições, todos os estados; a abnegação, a mortificação e a renúncia é o caráter, é o distintivo dos discípulos de Cristo; as cruzes, os trabalhos que sofrem com resignação são sua divisa. Achar-se-ão muitos hoje com este distintivo? Consulta os costumes dos moços, as inclinações e os hábitos dos velhos, as máximas dos grandes, os ditames dos plebeus, a conduta, enfim, da maior parte dos cristãos; encontrarás entre eles muitos discípulos de Cristo? O amor-próprio reina soberanamente; em todas as resoluções é o primeiro móvel a consideração da carne e sangue; cuida Deus de enviar cruzes a todos os estados; mas que poucos as levantam e quanto menos as levam! Deus meu, e quão curto é o número de vossos verdadeiros discípulos! Mas ao menos serei eu deste curto número? Minhas máximas, meus costumes e todo o meu proceder me desenganam; bastante claramente me dizem o que verdadeiramente sou.

Segundo ponto

Considera que a doutrina de Jesus Cristo é igualmente especulativa e prática, ensina o que se há de crer e mostra como se deve viver. A fé regula o entendimento, e os preceitos o coração. É preciso crer; mas é indispensável viver como se crê.

«O sinal (diz Jesus Cristo) por onde se conhecerá que sois meus discípulos será se vos amardes uns aos outros.» Não é menos rara hoje este sinal que o precedente; e, se não, pergunto: é nestes tempos a caridade uma virtude muito comum entre os cristãos? Que significam senão essas antipatias, essas aversões, essas diferenças entre as famílias? Que significam essas vinganças, essas inimizades que reinam em todos os povos? Não se veem hoje em todos eles senão pleitos, dissensões e discórdias. Nem sequer no claustro encontra apenas seguro asilo a caridade. Em que século reinou menos esta virtude? Introduz-se a amargura no mesmo santuário e talvez se leva o ressentimento até às próprias aras. Parece que a religião se domesticou com o ódio e com a vingança; até o zelo serve de máscara a esta vil paixão. E à vista disto dir-se-á ainda que Cristo tem muitos discípulos?

A emulação, a inveja, o interesse e a ambição semeiam a discórdia em toda parte. Cada qual se ama a si mesmo; mas ama igualmente a seus irmãos? Ai, que quase já não se tem por vício a indiferença nem sequer a frieza!

Aonde se foram aqueles ditosos dias, aqueles felizes tempos em que os fiéis não tinham mais que uma alma e um coração? Então havia poucos cristãos que não fossem discípulos de Cristo; hoje conta Cristo muito poucos discípulos entre os que se chamam cristãos. Cotejemos os costumes

deste século com os daqueles primeiros tempos; comparemo-nos com os Antões, com os Basílios e com todos os santos cujas vidas admiramos, devendo servir-nos de modelos. Todos somos ovelhas de um mesmo rebanho, guiadas por um mesmo pastor; o pasto é um mesmo, uma mesma a doutrina e todos nos prezamos de discípulos de um mesmo mestre. Mas ah, Senhor, que diferença tão monstruosa! Que oposição tão estranha! Mas por qual dos dois extremos militará a estranheza? Serão discípulos de Cristo aqueles espíritos mundanos que se amam tanto a si mesmos, que olham os trabalhos com tanto horror e que ignoram até o nome de caridade? Contar-me-á Cristo a mim no número de seus discípulos? Mas, se não entro neste número, qual será meu destino, qual minha desgraçada sorte?

Será possível, Senhor, que, depois destes toques que me dais, depois destas reflexões com que me favoreceis, ainda não mude de conduta e não emende minha vida? Possível e muito possível seria; mas confio em vossa piedade que com vossos poderosos auxílios hão de ser eficazes estas reflexões, firmes minhas resoluções e que desde este mesmo ponto começarei a ser vosso verdadeiro discípulo, acreditando-o com a reforma geral de meus costumes.

Jaculatórias

> *Pater, jam non sum dignus vocari filius tuus: fac me sicut unum de mercenariis tuis.* Lc 15.

Pai meu, já não sou digno de chamar-me filho teu; terei-me por ditoso se me admites no número de teus menores servos.

> *Servus tuus sum ego: da mihi intellectum ut sciam testimonia tua.* Sl 118.

Resolvido estou, Senhor, a ser vosso humilde servo; iluminai meu entendimento para conhecer vossa vontade e para obedecê-la.

Propósitos

1. Ser verdadeiro discípulo de Cristo é guardar a lei, não ter apego aos bens criados, levar sua cruz, viver segundo suas máximas e segui-lo. Por estes sinais, conheces muitos discípulos do Salvador? Conheces-te por eles a ti mesmo? A quantos que levam sua libré os desconhecerá algum dia? Explicou-se e explicou-se mais de uma vez sobre este ponto com a maior claridade. Ninguém pode ser verdadeiro discípulo seu se não se nega a si mesmo, se não segue as máximas do Evangelho, se não leva sua cruz todos os dias. Dize-me se te conheces a ti mesmo neste retrato dos

verdadeiros discípulos de Cristo. Não te envergonhaste alguma vez do Evangelho? Não antepões muitas vezes as máximas do mundo às de teu divino Mestre? Não te cobres talvez de manifestar-te por discípulo seu na presença de todo o mundo? Olha daqui em diante com horror esta indecente vergonha. Lembra-te de que o mesmo Cristo desconhecerá também por discípulos seus diante de seu Pai celestial os que não o conhecerem a ele por seu mestre diante dos homens. Coisa estranha! Nenhum mundano há, ainda que se professe cristão, que não faça vaidade de conformar-se com as máximas e de seguir o espírito do mundo; e se encontram muito raros discípulos de Cristo que não sintam algum embaraço, alguma dificuldade em declarar-se por tais. Não temas a burla dos dissolutos nem os insultos e ditos dos indevotos; declara-te pela virtude de cara descoberta e não receies que seja vaidade parecer devoto, contanto que o sejas efetivamente.

2. Para regular toda a tua conduta consulta unicamente as máximas da religião, os exemplos dos santos e o fervor das almas virtuosas. Longe de governar-te pelos costumes estragados e até pela vida frouxa e descuidada dos menos regrados, faze profissão de que tua modéstia, tua compostura, tua circunspecção, tuas máximas e tuas conversações digam a todos a religião que professas e a doutrina que segues. Tem presente este motivo quando aconselhares e quando corrigires; nem no exame da noite deixes de indagar sempre se passaste o dia como verdadeiro discípulo de Cristo; sendo este o título que mais deves apreciar entre todos os da vida.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:15 by Admin